

## A DESGOVERNANÇA DO SER

### *Misrule of Being*

Adriana Santos\*

**RESUMO:** O estudo aborda os caminhos que determinaram a desgovernança do Ser e o papel da técnica no seu ocultamento. Desde os primórdios, a busca pela sobrevivência motiva o homem, no entanto, hoje, já ultrapassadas etapas, o cenário se reverte em iminente aniquilamento. A contemporaneidade viu a destruição de todos os valores, sendo o momento de fundar a nova ética, a qual não pode ser fruto de poucos que arvoram-se em vozes de muitos. Faz-se necessário rever a Governança Global para a sua legitimidade no pensar o dever sustentabilidade; ainda, com a inclusão de todos os atores e assunção das responsabilidades no caminho até aqui vivido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Governança Global; Sustentabilidade; Homem em sociedade; Ética contemporânea; Filosofia e Arte; Franz Kafka

**ABSTRACT:** This study looks at the paths that have led to the misrule of Being and the role of technology in concealing it. Since the dawn of time, the quest for survival has motivated mankind; however, today, with the stages already passed, the scenario is one of imminent annihilation. Contemporary times have seen the destruction of all values, and now is the time to find a new ethic, which cannot be the result of a few who set themselves up as the voice of the many. It is necessary to review Global Governance for its legitimacy in thinking about the future of sustainability, moreover the inclusion of all actors and the assumption of responsibility for the path we have experienced until now.

**KEYWORDS:** Global Governance, Sustainability, Man in society; Contemporary ethics; Philosophy and Art; Franz Kafka.

**SUMÁRIO:** Introdução, I- `Ser-com-o-outro` no mundo, II – Primórdios da luta, III – Estágios de vivência, IV – Para onde fomos, V – Onde estamos, VI – A arte e o humano, Considerações Finais: O dever sustentabilidade como possibilidade.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o resultado do empenho no desvelamento do papel da técnica no ocultamento do Ser e no questionamento acerca do percurso realizado que determinou a desgovernança do próprio Ser, assim como no aniquilamento dos valores fundantes da ética. Para tanto, utiliza o método fenomenológico, em uma reflexão interdisciplinar, possibilitando à Arte e à Filosofia, no movimento de interação dialógica com o Direito, pensar novos caminhos para o Pacto e a Governança Globais.

---

\* Procuradora de Justiça Militar. Graduada, Mestre e Doutora em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS/UFRJ. Membro Honorário da Comissão de Filosofia do Direito do IAB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0551-7423>

Ao indagar sobre o papel do 'ser-com-o-outro' no mundo, partindo do momento atual dessa **com-vivência**, percebeu-se a importância de trazer para o presente a historicidade do passado, inclusive do efeito da técnica em nossos 'eco' sistemas.

Identificou-se, ainda, que a Arte articula a Filosofia e o Direito, como abertura para ampliar a participação dos cidadãos e da sociedade na sua totalidade (ou ao menos, com a maior representatividade possível), nas questões em que ela é destinatária e não deve ficar ao largo de processos decisórios quanto às regras e condições do mundo globalizado, discutindo-se, assim, um projeto do devir sustentabilidade, dotado de legitimidade.

## **I: `SER-COM-O-OUTRO` NO MUNDO**

O momento é de reconquista da originalidade radical do devir, na dinâmica de cura dos danos causados ao planeta terra. A palavra de ordem 'sustentabilidade', tantas vezes repetida, indica a impossibilidade da dissociação entre o homem e sua morada. Com o avanço da técnica, dado o seu caráter de dominância, a existência do homem está ameaçada pelo desequilíbrio causado por sua ação que expõe o seu 'eco' aos deletérios efeitos da falaciosa noção de 'progresso'. A falência do sistema em sua permanência será a falência do humano e, mais adiante, seu próprio extermínio.

No ponto, resta exposta a necessidade premente do estabelecimento de equilíbrio, de ressignificação do aparente conflito das noções de 'eco'logia e 'eco'nomia. Aqui não se trata de simples discurso. Não são meras palavras. É assumir que cada um deve, na medida do possível, agir para recuperar o malefício já produzido e impedir que novas agressões tenham lugar; não se pode esperar que outros, governos, empresas, organismos isolados da sociedade civil, decidam por si os rumos do mundo, tanto como concepção político-social, quanto do ponto de vista do planeta físico.

Os fatos e a realidade demonstraram de maneira muito clara que o resultado das escolhas e decisões até aqui adotadas geraram a catástrofe que não é apenas um anúncio, já é realidade, o início do caos ambiental.

É chegada a hora de cada um assumir o seu papel existencial como ser humano, cuidar de si, cuidar dos outros e cuidar do meio ambiente, incluindo todos os elementos vivos e não-

vivos que amparam a vida no planeta. O avanço da técnica, disfarçado no culto à tecnologia, possibilitou aos cientistas um conhecimento do planeta e de nós mesmos, que, paradoxalmente, forneceu segurança para desenhar o panorama do que se avizinha. No entanto, o homem não pode se limitar ao que os olhos alcançam. O reflexo das ações individuais, potencializado pelos grandes interesses coletivos, é o maior ponto de contato e de união primária na cadeia de agressões ao ambiente, pois ultrapassa as fronteiras; o que cada um faz ou venha a fazer, reflete no planeta como um todo ou ao menos, numa grande extensão desse. As questões deixaram de ser locais para se tornar mundiais, exatamente por conta do potencial de influência das grandes corporações que fornecem máquinas e produtos químicos modulando as intervenções do homem, atendendo a interesses que esse entende como individuais, mas que, em verdade, são metaindividuais, por sua natureza coletiva. Não se pode mais aceitar que pequenos grupos, regidos por uma moral por eles determinada, tenha legitimidade para regular o destino de todos.

É hora de refletir, um pensamento que aproveite o que se colheu dos últimos milênios de indagações filosóficas sobre as questões da natureza e do humano, em especial sobre a ética, no sentido de fundamento radical dessa, visto que a modernidade, em razão da aceleração imposta pelo avanço da técnica, com as mudanças sociais inerentes, bem como a concentração de poder originada no desenvolvimento tecnológico, implodiu valores e inverteu o sentido do Ser, abandonando seu aspecto coletivo, exacerbando o individualismo, com imposição de sua marca nos mais variados ângulos.

Falou-se no vazio ético. A partir dessa imagem, cabe ao novo homem, o homem do século XXI, superar os antigos paradigmas e crenças, semear nesse campo vazio a nova ética. Ocorre, entretanto, que tendo a crise chegado aos fundamentos, a nova ética precisa para germinar uma raiz autêntica, pois sem ela será frágil e, não se pode ignorar, tombará diante da primeira tempestade. A tarefa é árdua, vez que devem ser identificados os possíveis fundamentos de uma teoria ética. A contemporaneidade já sofreu muito as consequências da destruição dos valores fundantes, pela primazia do interesse econômico, da busca do lucro, ignorados os efeitos destrutivos no planeta. Não se pode mais postergar a missão; em que pesem os insistentes avisos dos cientistas, convenientemente esquecidos, os eventos climáticos extremos bem demonstram a situação.

O cidadão cresce com a sensação de que é espectador, no entanto, o cenário não está no palco, é a nossa casa, nosso país, nosso planeta. Todos devem assumir o papel de atores das próprias vidas, para que as futuras gerações não possam dizer da nossa que fomos piores

do que as anteriores, com a criação de novas formas de dominação e escravidão e ainda ter ocasionado uma destruição irreparável do planeta.

Na ótica de que o emprego irresponsável e desenfreado de novas tecnologias coloca a perenidade do planeta em risco, deve-se dispor do próprio desenvolvimento tecnológico, em sua contradição, para que se viabilize um devir sustentável, o que certamente inclui a comunicação e os novos modos dessa.

É essencial percebermos que não se deve querer formar opiniões, no que até aqui muito se empenharam aqueles que perceberam que o mundo está conectado, o que se quer é formar cidadãos com capacidade crítica, capacidade de realizar as próprias escolhas e não apenas reprodutores de discurso alheio, sem diminuir a relevância da divulgação dos malefícios perpetrados.

Muitos dos problemas hoje enfrentados não são fruto da tecnologia, mas do ganancioso uso dela, regidos pela distorção econômica. Contudo, enquanto um economiza no seu quintal, na sua produção, na busca do maior lucro possível, em sua visão individualista, pode estar impondo um prejuízo astronômico ao vizinho e ao administrador, seja da comunidade, seja do país, porque o seu objetivo é financeiro imediato e aumentar a produtividade hoje, sem medir as consequências ele pode acarretar grave prejuízo amanhã, inclusive com risco de afetar seu próprio negócio.

Com isso, já é notório que a questão orbita a 'eco'nomia, razão pela qual, a exigência é de que os investimentos na ciência tenham como foco o aprimoramento das máquinas e principalmente das práticas, no sentido da diminuição dos impactos negativos no meio ambiente e na saúde, evitando mais danos nos tetos ecológicos e viabilizando uma melhora nessas condições já deterioradas. A par disso, a produção deve ocorrer de forma inteligente e responsável, considerados os momentos presente e futuro.

A garantia do futuro é um compromisso entre gerações. Dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que constam da Agenda 2030, coordenada pela ONU, o Objetivo 9 prevê fomento às pequenas e microempresas e indústrias com foco na modernização da infraestrutura, com adoção de tecnologias e processos industriais limpos e ambientalmente adequados. Na prática, entretanto, em que pese avanços, existe uma inversão de valores, pois as novas tecnologias que objetivam um desenvolvimento sustentável, normalmente são lançadas no mercado com preços elevados e para uma classe alta. Um bom exemplo é a torneira com sensor que evita desperdício de água, principalmente na cozinha. Toda atividade na cozinha exige rigor nas condições de higiene, o que implica em grande uso de água, por mais que se implemente hábitos de economia. O cidadão escuta que a água é um

bem precioso, que deve ser preservado, pois já se sente uma diminuição da oferta de água, todavia não consegue trazer para dentro da sua casa um produto como o acima referido, por conta do preço.

O resultado da dificuldade de disseminar novas tecnologias contribui para a crise ambiental do planeta. Estudo realizado em 2009, pela equipe de pesquisadores liderada por Johan Rockström, elencou os limites planetários de garantia e manutenção da vida, alguns dos quais se tornaram conhecidos de todos, dentre eles a mudança climática, destruição da camada de ozônio, aerossóis na atmosfera, poluição química, perda de biodiversidade. O pesquisador recentemente lançou livro alertando que com o aumento populacional os limites da terra estão diminuindo rapidamente. Nele, indaga o que aconteceria caso a NASA anunciasse uma previsão para a colisão de um asteroide com a Terra, cogitando se todos se uniriam para resolver o problema, no entanto, ele mesmo responde utilizando o exemplo da pandemia de Covid-19, de que os cientistas uma década antes, solicitaram a implantação de um adequado sistema de aviso, ao que não se deu atenção. Então, Johan Rockström adverte: 'Estamos ignorando conhecimento sobre riscos existenciais' (Rockström, 2021).

Os limites planetários colocados de forma objetiva, possibilitam o desenvolvimento de pesquisas específicas para remediar a situação, por exemplo, o dos ciclos biogeoquímicos do nitrogênio e do fósforo, por conta do uso ineficiente ou excessivo de fertilizantes, pois quando esse excedente escoar para rios e lagos determina a proliferação de algas, as quais, por sua vez, eliminam a vida subaquática.

A partir da identificação do problema, deveriam ser adotadas possíveis soluções, dentre elas um sistema para medir a contaminação da água no entorno, responsabilizando o produtor pelo dano ambiental, para que seja interesse dele a correta aplicação dos produtos. Por outro lado, os órgãos de fiscalização deveriam estipular limites mais rígidos das substâncias contaminantes. Além disso, pesquisas devem ser realizadas visando a alteração e adequação da composição dos produtos e atuar junto aos fornecedores dos fertilizantes, a fim de que se desenvolva um produto que cumpra o seu papel sem esse potencial destrutivo.

Trata-se de vontade política para que os novos valores vigorem efetivamente. Para tanto, entra também em cena uma das funções do Direito na sociedade, a de regulamentar as relações, normatizando-se toda a situação, cabendo aos Poderes Legislativo e Executivo assumir cada qual a sua parte.

Nesse contexto, para construir as bases de uma nova ética, da mesma forma, devem ser discutidas as bases para a construção de novos modelos econômicos e suas teorias, temas que não devem ficar restritos aos economistas e empresários, visto que repercutem em toda a

sociedade. Os modelos econômicos somente poderiam ser empregados após discussão transparente acerca da teoria econômica que os fundamentem. Como exemplo, lembramos o modelo de economia Donut (RAWORTH, 2019), elaborado por Kate Raworth, da Universidade de Oxford, o qual objetiva o desenvolvimento sustentável, tendo como meta atender as necessidades das pessoas, com base em alicerces sociais, inspirados nos ODS das Nações Unidas e sem que se ultrapasse os limites planetários.

Ademais, é de se priorizar modelos de produção e consumo de economias como a circular, por exemplo. Registre-se que a Economia Circular já consta do site do Ministério da Fazenda, no Plano de Transformação Ecológica (PTE) tendo como meta acabar com os lixões, fomentar a reciclagem:

Por esse motivo, realizar a transição do atual modelo de produção no Brasil é fundamental para a transformação ecológica do país. O PTE tem como objetivo **fomentar a circularidade do setor produtivo** e apresenta ações voltadas ao desenvolvimento e à implementação de marcos regulatórios e incentivos fiscais, com vistas a promover a reutilização, remanufatura, reciclagem e recuperação energética dos produtos, reduzindo a demanda por novos recursos e gerando menos resíduo. (BRASIL, 2024)

Assim, a preocupação e questionamento quanto ao devir humano, na busca de sustentabilidade para seu futuro, considerado o atual momento da sociedade global, deveria ser uma pauta de todos e para todos, na medida em que sempre existiram aqueles que se intitularam governantes e mesmo ‘donos’ de uma maior ou menor parcela do planeta, de acordo com as limitações de força, mas sempre com vistas a novas conquistas.

A análise da história da humanidade demonstra que um consenso será muito difícil, mesmo impossível, pois o traçado político do mundo, acumula cicatrizes, inclusive, de separações étnicas, em consequência de sistemas de dominação e poder (não se desconsidera que as expansões territoriais, também se deram por meio de alianças e casamentos). Sabemos que a cobiça por alargar fronteiras de países volta à cena ciclicamente. Há uma tranquilidade no que diz respeito as fronteiras que respeitaram as imposições por limites naturais, os quais evocam a força da natureza, com seus rios, mares e montanhas, mas, por vezes há países querendo alterar os limites artificiais acordados, que desenharam linhas imaginárias ou estradas construídas pelo homem, delimitando o território e por conseguinte o poder sobre ele.

Outro ingrediente importante, a nortear a nova governança global, é a noção de que constituímos um único humano sem diferenciação, o qual diz respeito à nossa atual visão e condição humana como seres, englobando a todos, mesmo os que porventura existam isolados, sem nenhum contato com outras comunidades. Em que pese todos integrarmos a

mesma espécie humana, *homo sapiens*, o desenvolvimento desse humano deu-se com marcantes diferenças étnicas, linguísticas, religiosas, além das distinções no comportamento, inclusive, nas formas de interagir com o outro, os quais devem ser respeitados no novo contexto.

Para bem discutirmos o rumo que entendemos para uma revisão da Governança Global, deve ser ressaltado que ela seja para todos. Esse quesito deve ser bem esclarecido, pois não se trata de impor obrigações, limitações e responsabilidades, com a superficial análise do estado atual das coisas, sem considerar o papel que cada um teve nessa degradação. É uma visão simplista afirmar que os tetos ecológicos foram alcançados para os que estão em desenvolvimento, impondo condições por meio das quais, as diferenças sociais permanecerão, o que mantém a dependência em relação aos que já ultrapassaram etapas. Para bem definir as novas orientações e sentido, é fundamental termos uma noção do caminho que o homem percorreu até chegar no estágio em que nos encontramos.

## II - PRIMÓRDIOS DA LUTA

Os registros paleontológicos de exemplares de *Homo erectus*, que viveram no Lago Turkana na África, indicam que eles formavam grupos e transmitiam conhecimento. É desse mesmo lago que veio a certeza de que algumas espécies diferentes viveram ao mesmo tempo, dando uma nova concepção, a de que a nossa evolução não adveio de uma única linhagem. A ideia de que humanos de espécies diferentes, coexistiram num mesmo espaço físico tem muito significado. Os cientistas cogitam que isso tenha sido viável em razão de dietas alimentares e preferências de *habitat* diferenciadas; de qualquer forma, o dado fundamental é exatamente a possibilidade de terem dividido um território sem se destruírem:

Se correto, isso implicaria que três espécies contemporâneas de hominídeos estavam presentes na África oriental durante o Plioceno Médio, com duas delas, *A. afarensis* e *A. deyiremeda*, ocorrendo não apenas no mesmo período de tempo, mas também em estreita proximidade geográfica. Isso levanta a questão de como essas espécies poderiam ter coexistido por um longo período em um ecossistema estável. A partição de nicho, envolvendo diversificação de dieta, comportamento de forrageamento e preferências de habitat são fatores potenciais (Rastro Spoor, 2016).

Esses dados são compatíveis com a realidade, pois até hoje, com toda a miscigenação e migração humana, é surpreendente como, apesar de uma existência próxima e contígua, inúmeras populações preservaram características próprias, com padrões culturais extremamente marcantes e diferenciadores de seus vizinhos, principalmente quando

consideramos, pelos inúmeros achados arqueológicos espalhados pelo mundo, que as trocas, mesmo com todas as dificuldades de locomoção, existiram ao longo do tempo. Ainda hoje, são realizadas pesquisas para desvendar a forma de ocupação dos territórios, os deslocamentos realizados por aquelas populações ou grupos e mesmo as condicionantes para tanto.

O homem percebeu cedo que cada lugar, cada grupo social, continha uma imensa riqueza e especificidade, o que impulsionou o aventurar-se na busca do outro, por variadas causas, como ambição, sede de poder, curiosidade, busca por comida farta, possibilidade de mudança, dentre outras motivações, vez que os conhecimentos de outras culturas podem ter desvendado problemas e mistérios existentes no local de origem do peregrino, como por exemplo tratamento de doenças. Fato é que o intercâmbio cultural sempre encurtou caminhos, diminuiu sofrimentos, oferecendo novos olhares mesmo em relação ao já conhecido.

Nada obstante, a integração entre culturas nunca foi um processo simples, até mesmo porque o primeiro contato, normalmente, é mediado pela insegurança, pois não se sabe se o desconhecido representa uma ameaça e de certa forma, muitos se sentem intimidados pelo risco de perda de parcela de poder, quando se trata de domínio de conhecimento. No período pré-histórico, em que pese a falta de consenso entre os historiadores, há indicações que ocorreram confrontos entre grupos nômades, provavelmente por disputa de território e alimentos, ou seja, antes de tudo, pela sobrevivência.

De qualquer maneira, os impasses no contato com o outro, ao longo do tempo, se fizeram presentes por diversos motivos, inclusive, para garantia do controle, na medida em que nos ambientes em que não há compartilhamento de conhecimento, é mais fácil dominar e manipular as pessoas e muitos dos núcleos se constituíram em torno de medos, tanto do outro quanto de forças da natureza.

Cabe lembrar que a construção mais antiga até aqui descoberta fica localizada na Turquia. Trata-se do sítio arqueológico *Göbekli Tepe*, cuja datação ainda não é certa, pois foram descobertas novas camadas mais profundas e antigas, acreditando-se pelos últimos achados que pode chegar a 14 mil anos. Cada vez mais, percebe-se que o homem ia adquirindo e aperfeiçoando o conhecimento aos poucos. De uma certa forma, *Göbekli Tepe*, trouxe mais questionamentos do que respostas para o esclarecimento da evolução do homem, vez que não se acreditava que à época se dominassem técnicas que viabilizaram o sedentarismo, dando conta de uma capacidade de organização do espaço com padrões e planejamento, inclusive, com conhecimento de geometria (Haklay, 2020). A construção central, um monumento megalítico, possivelmente um santuário, indica a existência de uma

religião, com uma ligação com a natureza, sendo os pilares ornados com animais silvestres. Com isso, hoje temos a noção de que a civilização humana foi se desenvolvendo em diferentes partes do globo de forma independente. Essa região da Turquia se somou à que era considerada o berço da civilização, ou seja, o Crescente Fértil, região que, por suas características, viabilizou a sedentarização do homem, pelo desenvolvimento da agricultura em uma terra que se apresentava fértil, já que irrigada pelos rios Tigre e Eufrates, que também serviram para a navegação e trocas comerciais.

A questão que nos interessa é verificar como se desenvolveram as relações e comportamento dos humanos naqueles primeiros grupos. Para tanto, nos focamos no Crescente Fértil, onde encontramos diversos grupos humanos, com línguas diferentes e tradições peculiares e, em que pese as semelhanças, mantiveram uma identidade singular.

Desde aquele início, a civilização mesopotâmica foi constituída por guerras e dominação entre sumérios, acádios, babilônicos, assírios e caldeus. Os sumérios, considerados os primeiros já negociavam com egípcios e civilizações da Ásia, sendo que as rotas criadas, configurariam mais tarde a Rota da Seda. Ali vimos o homem dominando a natureza com a construção de barragens, reservatórios e canais de irrigação. A elaboração da escrita cuneiforme, a qual juntamente com os recipientes para o transporte dos excedentes agrícolas e outros produtos, objetivavam o controle da produção, para o transporte e escoamento da parte destinada à comercialização.

Ali também vimos o homem dominando o homem num sistema em que tínhamos um soberano, acima de todos, detentor do poder, seguido pelos sacerdotes e demais camadas, que caracterizavam as castas, numa estrutura hierarquizada, na qual, além da previsão de uma divisão social do trabalho, com os camponeses na base da pirâmide, tinham os escravos com a incumbência de construir as obras públicas.

Destarte, pensar o devir sustentabilidade na atualidade, numa estrutura regulada pelo Direito, exige uma reflexão sobre o caminhar desse homem, o desenrolar de suas articulações sociais.

### **III – ESTÁGIOS DE VIVÊNCIA**

Esse olhar para o passado demonstra que, antes mesmo da sedentarização, o homem procurou se agrupar, para melhorar as perspectivas de sobrevivência nos ambientes hostis, nos

quais se disputava o espaço e a alimentação, mas obrigado a deslocamentos, inclusive por conta de alterações climáticas; paulatinamente foi desenvolvendo técnicas de caça e de defesa.

Ultrapassado esse estágio inicial, já estabelecido em áreas onde encontrou condições para permanecer, tal qual a região do Levante, no Neolítico Pré-Olaria A, c.11.840-10.500 cal BP, vimos a exploração de cereais e leguminosas selvagens e no Neolítico Pré-Olaria B, c. 10.600 – 8.850 cal BP, como por exemplo 'Ain Ghazal, evidências de domesticação de plantas e animais (Allcock, 2023), assim, desenvolveu a agricultura seca nas regiões montanhosas, sem irrigação, dependente das chuvas, e a agricultura de irrigação, nas planícies, razão pela qual essas sociedades ficaram conhecidas como sociedades hidráulicas, pois necessitavam das águas dos rios. A evolução foi lenta, mesmo com a necessária intervenção humana para viabilizar o uso dessa água, desenvolvendo-se as técnicas à medida que as dificuldades iam surgindo. O 'almanaque do fazendeiro' sumério, de 1700 a.C., dá conta inclusive, que já aplicavam a rotação de culturas (Crabben, 2023). Ocorre que essa revolução agrícola, além de ter permitido a sedentarização do homem, pelo volume de excedentes produzidos, também atendeu a população não agrícola, e, em razão de saldo, ainda fomentou o comércio, com isso, ensejou a acumulação de riqueza.

Assim, o desenvolvimento dessas técnicas, atuou nos modos de existir daquele homem e uma aceleração nos estágios de convivência do homem.

#### **IV – PARA ONDE FOMOS**

A Mesopotâmia e as demais áreas de maior concentração humana, inclusive, nas Américas, considerado o registro de que a civilização Maia existiu do século VI a.C. ao X d.C., fornecem uma visão da potência do humano ao adotar o coletivo; o ser humano ao se associar, estabelecendo núcleos e sociedades, cria sintonias e sinergias, que oportunizam uma expansão em múltiplas direções e sentidos. É um incremento mútuo da capacidade de criar, o que se espraia nas artes. O trabalho em equipe e mesmo o pensar solitário, mas dentro de contextos coletivos de iniciativas proativas, que buscam a solução para os problemas, desencadeia em muitos de seus integrantes o pensar respostas para questões e, mais ainda, o pensar além. A confiança que o conjunto proporciona, a segurança de que parte dos

problemas já se encontravam solucionados, proporciona uma autoconfiança em cada integrante, que quer superar os novos problemas que se apresentam.

Simultaneamente, as demais características humanas também se desenvolvem, dentre elas a ganância, a prepotência, o egocentrismo, a sede de poder, todas determinam um desequilíbrio, até mesmo porque, viu-se desde logo, não há constrangimento em praticar abusos, objetivando o próprio enriquecimento ou reversão do estado das coisas, uns desprovidos de bens, enquanto outros ficam bem guarnecidos.

As disputas parecem inevitáveis e se alastram em todos os níveis, ou seja, no âmbito dos pequenos núcleos e quanto à integridade dos impérios que foram se sucedendo.

## **V – ONDE ESTAMOS**

Fez-se necessário o estabelecimento de leis para regulamentar soluções para os litígios e proteger os mais fracos diante da força abusiva. A lei mais antiga que se tem conhecimento é o Código de Hamurabi, que chegou até nós, em virtude de um exemplar ter sido inscrito numa rocha de diorito, esse monumento monolítico se encontra exposto no Museu do Louvre, na França. Hamurabi estabeleceu o princípio do olho por olho, lei de talião, como forma de limitar o alcance da vingança. Logo no início do prólogo, dá notícia de que foi imbuído de promover o bem-estar da humanidade; que a Babilônia possui alicerces tão firmemente estabelecidos quanto os do céu e da terra; que deveria estabelecer “o governo da justiça na terra, para destruir os ímpios e malfeitores, de modo que os fortes não prejudicassem os fracos” (Hamurabi, 2024). O Código previa, dentre as penas que eram aplicadas, a pena de morte.

Esse pequeno e singelo apanhado dá conta que os elementos que estavam presentes naquele nascedouro, permanecem até hoje, em que pese não se tenha alcançado o êxito esperado. A complexidade do Direito e seus institutos na atualidade, o emaranhado de leis elaboradas, com o fito de ordenar as também multifacetadas sociedades, não parecem resolver o implexo social e as disputas que se estabelecem a cada instante. Muito pelo contrário, se a intenção de Hamurabi era regular as relações familiares, de trabalho, de propriedade e escravidão, estabelecendo, inclusive, um equilíbrio entre a punição e o crime, esperar-se-ia que quase quatro mil anos depois, todos já se comportassem como o esperado nas sociedades

em que estão inseridos, até mesmo porque, caso contrário, seriam apenados na mesma medida do mau infringido.

Todavia, a realidade é tão heterogênea que a insatisfação está estampada em inúmeros lugares do planeta, evidenciando a crise de legitimidade, quadro que se vê presente nos vários continentes, que culmina com o questionamento quanto à governança global e mostrou a fragilidade do Estado de Direito para a consecução de seu papel social.

Pode-se mesmo dizer, que é muito razoável que se esteja questionando e imputando a essa governança global a responsabilidade pelo desgoverno das relações e condições postas no mundo.

Não é mesmo crível que após esse longo percurso o homem não consiga viver coletivamente, **com-viver** de maneira harmoniosa, respeitando a si e ao outro. Essa incapacidade sempre foi cultivada e atendeu a conveniências, vez que é o acesso para que permaneça joguete de interesses nada nobres, o que se acentuou sobremaneira com a internet e as redes sociais. Os que tiram proveito, usualmente, tem programas de poder e gostam de fazer regras que eles mesmos descumprem. De qualquer forma, a própria história nos demonstra que as realidades de cada lugar tiveram sua caminhada e rota alteradas não só internamente, mas também externamente, ou seja, muitas vezes o rumo foi imposto por outros governos, em última instância por outros povos.

Saliente-se que o movimento não deve ser o de rasgar o passado e destruir as marcas que ele deixou, é fato que muitas conquistas foram realizadas, além disso, não se aprende no esquecimento. Então, o movimento deve ser o de cada um assumir a sua responsabilidade. Nesse contexto, se alguém exerceu domínio sobre uma estrutura alheia, colheu e obteve o que lhe aprazia até o limite máximo, por óbvio gerou um descompasso: o lucro se somou à sua condição inicial e o que foi retirado do lugar de origem, determinou uma redução patrimonial nesse local. Nada mais matemático. Como estamos falando de bens e o mundo humano gira em torno de toda a sorte de bens materiais e imateriais, alterado o curso da história em determinada localidade, em razão de intervenção externa, a qual impôs uma diminuição econômica, indubitável a responsabilidade. Outrossim, quando falamos em contextos sociais, esse resultado não se limita a simples números e operações de adição e subtração. O exercício do poder opressivo foi devastador e suas marcas são sentidas ainda na atualidade. Elas não se confinaram às questões econômicas, mas se espalharam por toda aquela contextura e trama social, formatando modos de pensar inexatos, muitos dos quais deturpados, base de sistemas

discriminatórios que se enraizaram. A luta hoje é pela decolonialidade, de uma difícil superação, sendo o racismo estrutural um exemplo.

É fato que os variados sistemas de poder disseminados nos últimos séculos, refletidos na atual configuração do globo, tiveram como componente indissociável a opressão, a qual não foi privilégio apenas de ditaduras. Os opressores geraram muitas das catástrofes que o mundo vivenciou.

Quando falamos em guerra, em princípio, temos que as normas, no pós-guerra são ditadas pelo ganhador, contudo, quando falamos no mundo pós-colonial, as regras deveriam emergir de um acordo, uma legítima tentativa de começar de novo. Afinal, não se pode viver exigindo que aqueles que nem eram nascidos paguem a conta, do que não escolheram, apesar de estarem usufruindo as consequências. Com isso, caso a governança global tivesse enveredado por novos rumos e caminhos, a página da história teria sido virada, contudo, vemos uma permanência de condições, a despeito de pontuais mudanças. Ainda está presente que o enriquecimento de uns poucos, gerou o empobrecimento de outros muitos.

No entanto, de uma forma aparentemente natural, os empoderados às custas da exploração, justamente pela riqueza que ostentam, impõem as regras. Não bastasse a nova forma de subjugação, baseada na discrepância da técnica, do tecnológico, custeado com a riqueza auferida no período de dominação, a sistemática, tão-só repaginada, garantirá a perpetuação da dominação, agora sob nova roupagem. Temos um novo fundamento para a manutenção e aumento do fosso.

O estágio de desenvolvimento tecnológico, que as ditas grandes potências alcançaram, possibilitou a uma alteração de nossas concepções de espaço e tempo ou, ao menos, desconstruiu o que entendíamos e como nos situamos.

Fundamental registrar que não se nega os benefícios que a ciência aportou à vida humana e seu exercício, basta pensarmos que a longevidade está diretamente ligada aos conhecimentos que foram obtidos com a evolução da ciência. Todavia, cabe lembrar com Heidegger, em ‘**A questão da técnica**’, ao querer saber da essência da técnica moderna, que a “técnica não é, portanto, meramente um meio. É um modo de desabrigar. Se atentarmos para isso, abrir-se-á para nós um âmbito totalmente diferente para a essência da técnica. Trata-se do âmbito do desabrigamento, isto é, da verdade” (tradução publicada em Di Felice, 2020, p.358) e continua mais adiante:

O desabrigar imperante na técnica moderna é um desafiar (*Herausfordern*) que estabelece, para a natureza, a exigência de fornecer energia suscetível de ser extraída e armazenada enquanto tal. Mas o mesmo não vale para os antigos moinhos de vento? Não. Suas hélices giram, na verdade, pelo vento, permanecem imediatamente familiarizadas ao seu soprar. O moinho de vento, entretanto, não retira a energia da corrente de ar para armazená-la.

Uma região da terra, em contrapartida, é desafiada por causa da demanda de carvão e minérios. A riqueza da terra desabriga-se agora como reserva mineral de carvão, o solo como espaço de depósitos minerais. De outro modo se mostrava o campo que o camponês antigamente preparava, onde preparar ainda significava: cuidar e guardar. O fazer do camponês não desafia o solo do campo. Ao semear a semente, ele entrega a semente às forças do crescimento e protege seu desenvolvimento. Entretanto, também a preparação do campo entrou na esteira de um tipo de preparação diferente, um tipo que põe (*stellt*) a natureza. Esta preparação põe a natureza no sentido do desafio. O campo é agora uma indústria de alimentação motorizada. O ar é posto para o fornecimento de nitrogênio, o solo para o fornecimento de minérios, o minério, por exemplo, para o fornecimento de urânio, este para a produção de energia atômica, que pode ser associada ao emprego pacífico ou à destruição. (Di Felice, 2020, p.419)

Assim, como Heidegger salientou, o problema não está na técnica, mas no uso dela. Não é a técnica que é perigosa (Di Felice, 2020, p.601). Dessarte, afirmar que determinado desenvolvimento é negativo, pode ser uma análise parcial da situação, por desconsiderar outras possibilidades de seu estar-no-mundo. Nesse contexto, considerando, pelo histórico humano, que há uma imensa dificuldade para o convívio pacífico, com guerras pelos mais variados motivos, acreditar que a solução seria aniquilar a indústria bélica é pura ilusão e seria o caminho mais fácil para o enfraquecimento de muitos e o fortalecimento dos que estão acostumados a descumprir regras.

O filósofo complementa mais adiante que:

O desabrigar que domina a técnica moderna tem o caráter do pôr no sentido do desafio. Este acontece pelo fato de a energia oculta na natureza ser explorada, do explorado ser transformado, do transformado ser armazenado, do armazenado ser novamente distribuído e do distribuído renovadamente ser comutado. Explorar, transformar, armazenar e distribuir são modos de desabrigar. (Di Felice, 2020, p.419)

A beleza do texto de Heidegger desvela a tristeza da exploração da natureza, ou como ele disse: “É um extrair na medida em que explora e destaca. Este extrair, contudo, permanece previamente disposto a exigir outra coisa, isto é, impelir adiante para o máximo de proveito, a partir do mínimo de despesas.” (Di Felice, 2020, p.408). Ele lembra o perigo de considerar a natureza como “contexto efetivo e calculável de forças” (Di Felice, 2020, p.577) e que o

homem caminhando à beira do precipício, tendo se desinteressado do descoberto como objeto, agora apenas subsistência, se torna ele mesmo subsistência e fica ameaçado; mas apesar disso “se arroga como a figura do dominador da terra”. Contudo, como o homem de hoje não encontra mais a si mesmo, não encontra a sua essência, ele não assume a estrutura (*Gestell*) como uma responsabilidade, ele a desafia. Ignora que a estrutura, armação como querem alguns, põe em perigo o homem e o todo. Onde impera a estrutura, o desabrigar perde a sua potência e possibilidade do descobrimento. Com isso, a estrutura frustra o desabrigar da verdade e representa o perigo em sentido extremo (Di Felice, 2020, p.613).

Nesse ponto, Heidegger recorre à Hölderlin: “Mas onde há perigo, cresce também a salvação” (Di Felice, 2020, p.613)

## VI – A ARTE E O HUMANO

Entende Heidegger que se a essência da técnica é o extremo perigo, então o domínio da estrutura não pode obstruir toda a possibilidade da verdade e, assim, abriga em si mesma a abertura para a salvação (Di Felice, 2020, p.613).

Entre o perigo que destrói e o salvar que oportuniza o renascer, faz-se necessária a mediação da meditação humana, a desvelar a essência do que salva, como superior à do perigo. Questiona se às belas artes caberiam cultivar o crescimento do que salva, fundando um novo olhar, mas afirma que “quanto mais nos aproximarmos do perigo, de modo mais claro começarão a brilhar os caminhos para o que salva, mais questionadores seremos. Pois o questionar é a devoção do pensamento” (Di Felice, 2020, p.733).

Cabe a nós, já estando à beira do precipício, enxergar o que a arte nos permite como salvação e um novo modo para superar o perigo.

É também Heidegger que afirma em ‘**A origem da obra de arte**’ que a obra de arte fala: “Na proximidade da obra nós estivemos repentinamente em outro lugar do que aquele em que habitualmente cuidamos de estar. A obra de arte deu a conhecer o que o calçado na verdade é” (Moosburger, 2007, p.30) E continua: “O que acontece aqui? O que na obra está em obra? A pintura de Van Gogh é o abrir-se [*Eröffnung*] daquilo que o utensílio, o par de sapatos de camponês, na verdade é. Esse ente emerge [*heraustritt*] para o não-encobrimento de seu ser.” ((Moosburger, 2007, p.31) E complementa que a essência da arte seria o pôr-se-

em-obra da verdade do ente, como “reprodução da essência em comum das coisas” (Moosburger, 2007, p.22). Para o filósofo a “obra de arte abre à sua maneira o ser do ente, ... a verdade do ente.” (Moosburger, 2007, p.34)

A arte, mesmo não entendida em toda a sua profundidade filosófica ou alcançada a sua essência, enseja a necessária reflexão e constitui um grito de liberdade, permitindo que o pensamento de muitos, assumam novos caminhos e novas formas. Nesse sentido, a arte funciona como um portal, no qual vemos o perigo extremo e entrevemos uma perspectiva que salve. Ela é um poderoso mecanismo de transformação social.

A arte autoriza um extravasamento do Ser e de suas emoções; um sentir e sofrer, sem vivenciar; um exercício da empatia, dentro da multiplicidade de sensações que ela desperta naqueles que se permitem o contato com as variadas formas de arte. Enfim, a arte é um mecanismo de transformação do Ser e quando os integrantes de uma sociedade têm acesso às variadas formas de arte, esse ambiente social é impactado pelos efeitos que ela provocou em cada um. Ela tem o poder de despertar o pensar.

Na medida em que se almeja a construção de uma cidadania crítica e atuante, a arte pode impulsionar a participação da coletividade na construção dessa sociedade. Um autor que bem demonstra isso é Franz Kafka com o romance 'O Processo' (Kafka, 2018), que impulsiona o leitor, a questionar a efetividade do Estado de Direito e as regras do Poder Judiciário, em especial quanto ao acesso à Justiça, despertando o interesse pelas questões processuais. É sabido que o cidadão acredita que as questões jurídicas não lhe dizem respeito, que são técnicas, cabendo aos que atuam na área determinar os seus rumos. Kafka arrasta o leitor para o interior de um quadro de injustiça e opressão, para que o cidadão se conscientize de que o sistema não é impermeável; que o Direito como abstração pode ter leis justas que se aplicam a todos, contudo, no caso de disputas, o jurisdicionado precisa de um pronunciamento do Poder Judiciário e aquele encontro adiado, se faz agora presente.

Da tese crítica da obra 'O Processo' e do percurso realizado para ela, extraiu-se uma interpretação acerca do papel do Direito e das discussões jurídicas travadas à época da confecção do romance, nele embutidas por Kafka, de forma a demonstrar o valor do processo, das garantias processuais e do Poder Judiciário, no Estado de Direito e na manutenção da própria Democracia, cabendo aqui reproduzir as anotações sobre o 'O Processo' (Santos, 2020/2024), o qual

se inicia com a prisão de Josef K., numa manhã, sem que ele tivesse feito mal algum. As primeiras frases do livro nos inserem então numa questão criminal. Kafka não especifica a conduta infratora, essa deixa de ser uma discussão, focando no processo judicial, em campo teórico universal e abrangente, sem conjecturas concretas ou mesmo hipotéticas, sobre um tipo penal específico e a lei que o prevê ou sobre a própria culpa da personagem, retirando do leitor avaliações se o sujeito estava certo ou errado.

Kafka narra a vida de uma pessoa no período em que é submetida a processo de natureza penal em um procedimento, criado pelo autor, que mescla variadas leis processuais e institutos. Não se deve buscar compreensão limitada à literalidade, tampouco a coerência de um procedimento real, mas extrair, das várias situações e institutos utilizados, os questionamentos e sentidos do texto. Trata-se de obra literária com escopo filosófico não da descrição de um 'processo' judicial existente. Ela discute, inclusive, diversas situações pelas quais podem passar os que são submetidos ao Poder Judiciário, sem ter a quem recorrer.

A obra relata detalhadamente a angústia sentida por alguém injustamente acusado, que, desde o primeiro momento, se depara com o abuso de pessoas que se diziam representantes do Estado e cujo comportamento arbitrário denotava as irregularidades de seu atuar, grupo o qual K., mais adiante, chamou de "grande organização".

A análise interdisciplinar do texto sob o prisma da filologia, do estudo da evolução da grafia da língua alemã e das escolhas ortográficas realizadas por Kafka, juntamente com o Direito e leis vigentes à época, utilizando-se o método fenomenológico, indicam que K. foi vítima do crime de 'denúncia caluniosa' e não que ele tenha cometido um crime. Kafka expõe a vulnerabilidade do sistema de Justiça em face da potência destrutiva do crime de denúncia caluniosa e do conseqüente erro judiciário. Nessa senda, na condição de vítima, não há que se buscar a culpa de K., no âmbito de uma interpretação jurídica da obra.

Ocorre que, tendo sido K. comunicado que se tratava de uma investigação, ele acredita, naquele momento, que nada precisa fazer, pois, dada a sua inocência, o natural curso da investigação seria o seu arquivamento.

A narrativa se desenvolve dando ao leitor conhecimento da vivência de diversas personagens que orbitam o sistema judiciário, o processo e K., de forma a demonstrar como o processo afeta a família, o trabalho e a vida de um acusado; principalmente em hipótese de denúncia caluniosa, cujas conseqüências são devastadoras.

Por outro lado, de forma a caracterizar um cenário estarrecedor, Kafka desenha a existência dessa 'organização' que atua de forma paralela ao sistema judiciário, mas se apoderando de sua estrutura física e tendo como integrantes servidores e juizes do próprio Estado. Na conversa com o tio é referido que "não se trata absolutamente de um processo perante o tribunal comum". Ao que o tio responde: "Isso é mau". Os efeitos deletérios da submissão de uma pessoa a essa organização eram conhecidos, o próprio tio de K. completou: "Ter um processo desses já significa tê-lo perdido", tendo como conseqüência que ele seria "riscado do mapa".

A conhecida parábola 'Diante da Lei', inserida no romance, tem uma conotação diferente da sua publicação como texto independente. Ao fazer parte do capítulo 'Na Catedral' ela está diretamente ligada à condição

processual de K. e possui uma linha de coerência com a narrativa, na medida em que a situação do camponês, que passa a sua vida à porta da lei, aguardando que seu pleito fosse julgado, é a mesma de todos os acusados retratados no romance, que sentados nos bancos do corredor do cartório, humilhados, esperavam inutilmente que suas provas fossem apreciadas.

A ladainha do advogado, no capítulo que lhe corresponde, expõe as dificuldades da defesa e chama a atenção para o fato de que as melhorias do sistema devem vir de fora, pois os que nele atuam esbarram em grandes dificuldades e normalmente serão vítimas de retaliação.

Na interpretação de muitos, o camponês sequer teve um processo, o que discordamos, na medida em que Kafka descreve que, de início, o camponês, acreditando que a lei fosse acessível a todos e a qualquer hora, um dos princípios do Estado Democrático de Direito, apresentou diversos requerimentos. Como cidadão procurou a porta da lei, mas não lhe foi franqueada a entrada, no sentido de efetividade. Ao longo dos anos, realizou diversos pedidos, respondeu a interrogatórios, mas nunca teve o mérito de seu pleito julgado, pois o porteiro lhe negava o acesso à lei, que seria a concretização do direito. O camponês de rico ficou pobre, como aqueles acusados sentados no cartório, que, apesar de suas roupas pobres, como descreve K., era perceptível, por detalhes, que pertenciam “às classes superiores”. Não podemos esquecer do fato acontecido com comerciante Block, o qual relata ter gasto tudo o que tinha em seu processo, ficando pobre.

É descrito, ao longo do romance, como o descumprimento das garantias processuais destituem a parte de sua condição de cidadão e mesmo a desumanizam.

Kafka escolheu o processo penal, que trata da liberdade para, de forma emblemática, impulsionar o leitor a sair de sua inércia quanto às questões da Justiça, para que se interesse e participe das discussões, as quais devem se dar no seio da sociedade. O romance não é sobre um caso específico, como costuma acontecer com estórias sobre casos judiciais. Ele retrata a influência do processo na vida das pessoas e o que é estar submetido a um processo judicial.

A reflexão quanto às regras de processo deve ser de todos, dada a fundamental importância que o processo tem na vida das pessoas. (Santos, 2020/2024)

A temática é extremamente atual e espelha o **Objetivo 16**, dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que visa promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes e responsáveis e inclusivas em todos os níveis. Cabe lembrar o item **“16.3 - Promover o Estado de Direito, em nível nacional e internacional, e garantir a igualdade de acesso à justiça para todos”**, o item **“16.5 - Reduzir substancialmente a corrupção e o suborno em todas as suas formas”**, **“16.10 - Assegurar o acesso público à**

**informação e proteger as liberdades fundamentais, em conformidade com a legislação nacional e os acordos internacionais”.**

O percurso narrativo trata dos principais atores processuais em sentido estrito e aborda, no espectro amplo, os efeitos sociais do processo. Kafka descreve, de forma universal e atemporal, situações absurdas, em que eleva, por meio da literatura, a discussão ao patamar filosófico. A vivência pela personagem principal de deturpações e mazelas procedimentais de consequências trágicas expõe a fragilidade desse instrumento, carente de atividade humana para sua concretização. Fica demonstrado, ao final, que a maior das garantias processuais consiste no fiel cumprimento do procedimento previsto. Kafka faz com que lembremos que o modelo social a que nos submetemos, por conta da necessidade de manutenção da paz social, diante de conflitos de interesses, escolheu o processo como forma de solução, cabendo à sociedade discutir incessantemente o sistema jurídico-processual e zelar pelo processo justo.

Dessa forma, a arte, aqui exemplificada pela literatura, assume um importante papel: o da construção de um pensamento crítico. No caso de ‘O Processo’, sendo Kafka um dos maiores escritores do século XX, atuou como arquétipo, mesmo quando não expressamente referenciado, vez que o romance propicia a elaboração de um pensamento crítico sobre a Justiça. O exemplo escolhido é pertinente, vez que aborda o acesso à Justiça, um dos pilares da paz social, na medida em que foi retirado do cidadão a solução dos conflitos. A construção da narrativa por meio da supressão das garantias processuais, restando apenas a oitiva do acusado e o juiz de instrução, deveria despertar o inconformismo do leitor diante dos abusos; entretanto, muitos acabam por naturalizar aquele processo, pois discutem a existência de uma culpa de K. sem a conclusão do procedimento e mesmo sem saber do que ele era acusado. Como resultado, Kafka transforma cada leitor, que afirma a existência da culpa da personagem, em um autor de denúncia caluniosa.

Kafka nos torna conscientes de que **K. somos todos nós**, que a sociedade deve permanentemente discutir os direitos e garantias, pois quando já se estiver no turbilhão processual, caberá apenas o respeito e submissão às regras postas (Santos, 2020/2024). Ademais, registrado que os integrantes do sistema não têm forças para alterar o quadro, cabe à sociedade pugnar não somente pela manutenção das garantias e proteger as liberdades fundamentais, mas pelo aperfeiçoamento do sistema jurídico-processual, reduzindo “substancialmente a corrupção e o suborno em todas as suas formas”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

### O DE VIR SUSTENTABILIDADE COMO POSSIBILIDADE

Visto que os valores éticos foram pulverizados, para se alcançar os objetivos da magnitude aqui preconizados, e sendo imperioso um devir sustentabilidade como possibilidade, é interessante trazer os ensinamentos de Emmanuel Carneiro Leão, bem delineados em '**O Desafio da ética hoje em dia**'. O professor inicia chamando a atenção que toda ética é a luta obstinada contra as abstrações e que os homens contestam as ações encarceradas dentro de ideologias. Complementa adiante:

Ora, é impossível alicerçar qualquer equilíbrio ou integração de forças reais em abstrações, tanto em nível biográfico e individual, como em sentido histórico e social. Esta também é a verdade profunda da falência de toda etnarquia, como foi outrora a Sociedade das Nações ou como são hoje as Nações Unidas, a Organização dos Estados Americanos, a Comunidade Europeia ou qualquer outra instituição transnacional ou super individual de pretensões políticas. Caracteriza toda atitude ética ser polivalente e, nunca, por uma operação dolosa de má fé, levar a crédito de uns o que inscreve a débito de outros. Assim, se, de um lado, o homem-bomba, a mulher-bomba, a criança-bomba são terrorismo, do outro lado, o tanque-bomba, o avião-bomba, o foguete-bomba não o são. São até tidos e havidos, como legítima defesa contra o terrorismo. Por toda parte vai prevalecendo a convicção de que a morte, o assassinato, a destruição podem se transformar em legítima defesa da vida contra qualquer ameaça de morte que surja. É a ordem da desordem, a crise radical da ética com que nos sufoca e nos confunde hoje o mercado, arrogando-se a competência de supremo tribunal de decisão para qualquer valor. Ora a discriminação é o traço característico e a marca registrada de certa dogmática histórica hoje ainda muito em voga. Julgam-se com extrema benevolência os crimes de direito comum, chegando-se ao cúmulo de idealizá-los com justificativas ridículas de vitimização, enquanto se condenam com toda a severidade os crimes de natureza política e ideológica com estigma social. (Carneiro Leão, 2008, p.12)

Para Carneiro Leão não é possível ao homem renunciar às diferenças intrínsecas à sua humanidade. Ele lembra que “Do ponto de vista ético, bem e mal não são dois princípios separados que se opusessem, como a imperfeição se opõe à perfeição. O bem e o mal constituem ambos o mistério insondável de toda ética digna deste nome” (Carneiro Leão, 2008, p.13).

Quanto à conexão entre a ética e o mistério, esclarece que esse:

se ordena e sintoniza com uma atitude de meta-técnica, condição de possibilidade para todos os desempenhos de valor. É uma atitude sempre

refratária, mas sempre empenhada em determinar escolhas e definir decisões. O mistério se faz assim o indeterminável determinante de toda determinação ética. Ninguém sabe os limites do progresso técnico, mas, em cada etapa de seu crescimento, todo mundo sabe, com sabor oblíquo e incorporado, que o progresso é, de sua natureza, opaco para si mesmo e obtuso para as condições de suas próprias possibilidades, cego para os valores éticos e para a operação de seus limites...

Quanto mais as técnicas progredem, tanto mais a ética regride em vigência formativa e em espontaneidade criativa. O progresso tende a disseminar uma atmosfera desfavorável para o exercício da ética e o vigor da criação. Por isso cresce hoje cada vez mais a metamorfose das comunidades em ajuntamento, das sociedades em adestramento, dos grupos em massa. É o caldo de cultura e da cultura do virtual e dos meios eletrônicos de relacionamento e comunicação de massa. Ora a ética só pode afirmar-se, florescer e viger, fora e contra as massificações e os automatismos. (Carneiro Leão, 2008, p.14)

Nesse contexto, é importante destacar que para o professor, o universal que a ética promove é concreto e se perfaz pela criatividade com o acolhimento das diferenças: “Entre amor e ética não pode haver exclusão” (Carneiro Leão, 2008, p.14).

A massificação se instala na falta de integração entre o amor e a ética. A questão é que as massas podem ser adestradas e treinadas, contudo, uma formação ética deve ser voltada para a pessoa em sua individualidade.

As massas só podem mesmo ser fanatizadas por abstrações ideológicas. É o amestramento. Toda propaganda visa a garrotear a vida e a substituir-lhe as forças de criação por uma agitação padronizada e automática. A vitalidade dos tumultos, das rebeliões, das revoluções só se conserva até às vésperas da vitória e à tomada do poder. A partir daí tudo são massificações, e a possibilidade de um homem livre fica na saudade de um ontem cada vez mais sem amanhã. (Carneiro Leão, 2008, p.15)

No entanto, não se pode discutir o ‘homem’ fora de seu tempo e lugar de existência, então tem-se que especificar esse ‘homem’ que será a referência, pois, mais do que os meios de comunicação e divulgação dos acontecimentos tenham estreitado o tamanho da Terra como planeta, a técnica, como dito acima, com a potência das máquinas e produtos utilizados, determinam intervenções do homem na natureza que ultrapassam os interesses e repercussões meramente locais. O caráter metaindividual definiu um novo sentido desse Homem, que lutando pela sua individualidade e unicidade como Ser, não pode ignorar que se tornou coletivo.

Nesse sentido, a luta pela liberdade de Ser e Pensar, como indivíduo, que existe em determinado espaço, não pode ignorar a agonia anunciada por Carneiro Leão:

A agonia do homem corresponde a uma angústia muito mais radical. Equivale a reconhecer que as possibilidades de eliminação da vida na terra brotam das profundezas ontológicas do próprio modo de ser do homem. Hoje já não é possível esconder o elo intrínseco de ligação que prende o progresso à violência. Esta pertinência recíproca distingue e caracteriza a situação da ética em nossos dias. O desafio da ética hoje não está em transformar-se numa ética da situação. Toda ética da situação inclui uma abstração nevoenta. O desafio concreto da ética está em entregar-se toda à “espera do inesperado”. Uma espera que vive e vivifica a vida do pensamento. Pois pensar, como pensam os pensadores, não é conhecer como conhecem os conhecedores. É, perseverando na “espera do inesperado”, deixar-se transformar pelo vigor originário do não saber. Trata-se de tarefa difícil. Uma ascese rigorosa se impõe e um esforço continuado se recomenda: a ascese de se despojar de toda presunção de ser e o esforço de renunciar a toda pretensão de já saber o futuro. O que quer que ainda venhamos a ser, nós já somos, embora sem tê-lo em nosso poder. Tudo que ainda está por vir, nós já somos, embora sem o saber, de vez que estamos sempre empenhados num empenho de ser e num esforço de realização. (Carneiro Leão, 2008, p.15/16)

Ele nos lembra que no desafio para uma nova ética devemos enfrentar que a nossa dificuldade radical está no presente, pois a razão nunca é nova. Ela “impõe padrões e exige a observância estrita de paradigmas”, os quais prescrevem as normas. Esse processo nunca aceita o novo, vez que:

...a razão traz consigo o passado... (Carneiro Leão, 2008, p.17)

e

...para se deparar com o novo, há de se abandonar a si mesmo todo paradigma de desdobramento e deixar ser todo parâmetro de derivação...

Por isso somente desfazendo-se de toda pretensão é que os ouvidos se abrem para o inaudito e os olhos se liberam para o invisível. A boa visão não é a que vê tudo que é visível. Esta é a visão racional. A boa visão é a que vê o invisível em tudo que é visível. (Carneiro Leão, 2008, p.18)

...

Todos os métodos e todos os esforços da ética, ao longo destes dois milênios e meio de História Ocidental, nada mais fizeram do que desprender o homem de todas as pretensões e deixar emergir a integridade de sua conduta na irrupção inesperada da realidade nas realizações do real. Em cada ação e/ou omissão de todos nós, luta e se empenha por chegar a si mesma uma única experiência: a saber, o homem tem de conquistar-se, deixando ser as virtualidades de sua própria humanidade. Por isso, a todo momento, deve abandonar tudo e ser abandonado por tudo, a fim de se recuperar e se recolocar, em cada situação, de maneira sempre mais livre. Nenhuma ideologia serve à liberdade, supõe e encoraja a ética. Pois a essência de

qualquer ideologia é sempre discriminar e excluir tudo que lhe é diferente e contrário. Deve, portanto, despir-se de toda ideologia quem quiser remontar ao ponto de origem de uma realização libertadora... (Carneiro Leão, 2008, p.19)

A história da humanidade se move em ciclos de vinte e cinco séculos. A cada dois milênios e meio se fecha um ciclo, se atinge um clímax e se instala um fim. É o instante propício para se transformar e ser mais livremente o que somos. Pois tudo se torna fluído e nada se fixa. Os velhos padrões se esboroaram e os novos parâmetros ainda não se instalaram. Aparecem, então, mais claras as limitações da razão e se fazem mais sensíveis as perdas da racionalidade. O mundo todo entra em transição e sente a necessidade de passar. Dois mil e quinhentos anos atrás, surgiram Buda na Índia, Lao-Tzu na China, Zaratustra na Pérsia, os Présocráticos na Grécia.

Hoje em dia, estamos de novo nos interstícios da história, de passagem para outro dia histórico. Todos os parâmetros desvaneceram, todos os valores se gastaram, todos os princípios perderam força. Vivemos num estado fluído, elástico, maleável. O velho já não tem importância. O passado enfraqueceu seu poder e o futuro ainda não chegou de todo. Estamos num intervalo histórico. É tempo de transformação. É dia de libertação. Por isso toda ética está em crise de fundamentos. Impõe-se uma mudança de princípios, urge uma transformação de paradigmas. (Carneiro Leão, 2008, p.19/20)

O chamado como ele apregoa é mais radical:

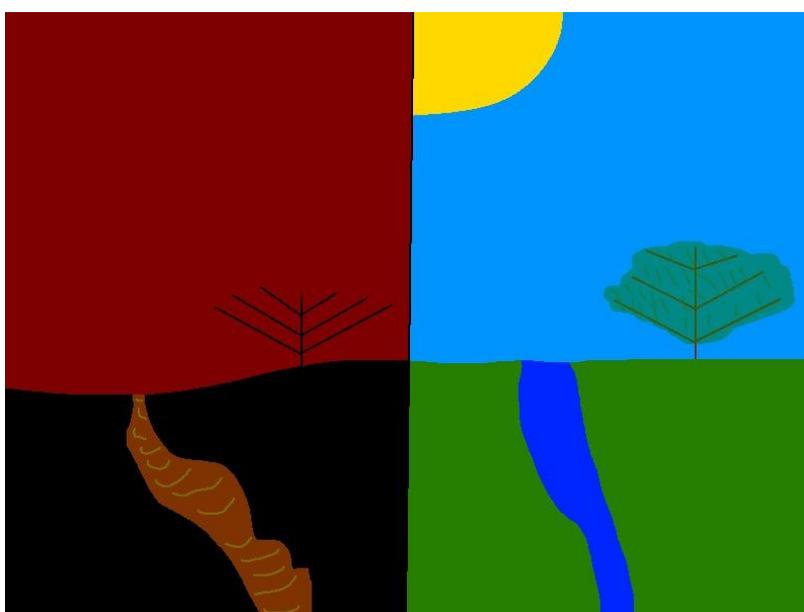
O que se trata de ultrapassar hoje neste desafio radical da ética, o que se tem de esperar agora radicalmente não é determinada interpretação do sujeito. É determinar o homem como sujeito. Esta determinação caracteriza os tempos modernos e hoje alcança, na expansão essencial da técnica, uma força planetária. (Carneiro Leão, 2008, p.21)

No império das funções politônicas, o desafio da ética nos faz sentir hoje a urgência de se pensar a questão de fundo de toda a existência atual: será mesmo que continuaremos prisioneiros da insurreição da técnica e condenados para sempre a desenvolver, sem nem mesmo pressentir, suas conseqüências monstruosas? Ou os tormentos que nos atormentam nas tormentas de hoje não poderão vir a transformar-se de repente no prelúdio, por mais doloroso que seja, de uma nova “aurora dos dedos de rosa” ou no fênix de uma outra ressurreição? – É com estas esperanças animando-nos o pensamento que somos chamados a assumir o desafio da ética nos dias de hoje. (Carneiro Leão, 2008, p.21/22)

Ultrapassadas as fases de alerta e meras hipóteses, a realidade demonstra, como previu Heidegger, que já se está caminhando à beira do precipício. A busca pela subsistência, enveredou pela busca do lucro e poder, seguindo para o próprio extermínio. Não é crível que a solução esteja em ir para outro planeta. Enquanto muitos estão preocupados com a sobrevivência do homem, como coletivo, e do planeta, outros continuam no passado, na busca

do poder individual, acreditando na guerra, na fome, nas doenças, como formas de seleção natural *a posteriori*.

O perigo criou as condições para a mobilização, a partir do que, já é possível cogitar da salvação. A transcrição dos textos de Heidegger e Carneiro Leão, dada a pujança da mensagem dos filósofos indica que não se pode esmorecer o empenho. A dificuldade para implementar os ODS até 2030 já é fato, dada a conjuntura político-econômica atual, o que exige maior pertinácia, de forma a tornar realidade a obra de Giorgio Ferreira, abaixo estampada.



Por Giorgio Ferreira, 2020

## REFERÊNCIAS

Allcock, SL, Elliott, S., Jenkins, EL, Palmer, C., Rollefson, G., Grattan, J., & Finlayson, B. (2023). **Usando análise de fitólitos, geoquímica e etnográfica para informar sobre construção e atividades do sítio no Neolítico do Sudoeste da Ásia: estudos de caso de Wadi Faynan 16 e 'Ain Ghazal, Jordânia.** *Arqueologia Ambiental*, 1–26. Disponível em <https://doi.org/10.1080/14614103.2023.2243114> Acesso em: 1º dez.2024.

BRASIL. Ministério da Fazenda. **Economia Circular.** Brasília. 15 set. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/aceso-a-informacao/aco-es-e-programas/transformacao-ecologica/economia-circular>. Acesso em: 23 nov.2024

CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. **O desafio da ética hoje.** *Fenomenologia e direito. Cadernos da EMARF. PPGF UFRJ.* OUT 2008 MAR 2009. Disponível em <https://emarf.trf2.jus.br/site/revistavolumes.php#fenomenologia> Acesso em: 4 dez.2024.

CRABBEN, Jan van der. **Agricultura no Crescente Fértil e na Mesopotâmia**. Traduzido por Criss Freitas. *World History Encyclopedia*. World History Encyclopedia, 22 mar 2023 . Disponível em <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-9/agricultura-no-crescente-fertil-e-na-mesopotamia/> . Acesso em: 21 nov.2024

DI FELICE, Massimo (org.). **MARTIN HEIDEGGER. A questão da técnica**. Paulus, 2020. eBook Kindle,

GAFFNEY, Owen, ROCKSTRÖM, Johan, Breaking Boundaries. **The Science of Our Planet**. DK, 2021, eBook Kindle, p.14.

HAKLAY, Gil, GOPHER, Avi. **Geometria e planejamento arquitetônico em Göbekli Tepe, Turquia**. *Cambridge Archaeological Journal* 30.2 (2020): 343–357. doi:10.1017/S0959774319000660 . Disponível em <https://www.cambridge.org/core/journals/cambridge-archaeological-journal/article/geometry-and-architectural-planning-at-gobekli-tepe-turkey/2CBAF416E33AFE6496B73710A2F42FF9> Acesso em: 15 nov.2024.

KAFKA, Franz. **O Processo**. Tradução Marcelo Backes. L&PM. 2018.

MOOSBURGER, Laura de Borba. **‘A origem da obra de arte’ de Martin Heidegger: Tradução, Comentário e Notas**. Dissertação de Mestrado. Disponível em [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/FILOSOFIA/Dissemtacoes/A\\_Origem\\_da\\_Obra\\_de\\_Arte.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Dissemtacoes/A_Origem_da_Obra_de_Arte.pdf) Acesso em: 4 dez.2024.

RASTRO Fred, LEAKEY Meave G. e O'HIGGINS Paul **Diversidade de hominídeos do Plioceno Médio** de 2016 :*Australopithecus deyiremedaeKenyanthropus platyops* *Phil. Trans. R. Soc. B* **371** 20150231 Disponível em <http://doi.org/10.1098/rstb.2015.0231> Acesso em: 22 nov.2024

RAWORTH, Kate. **Economia Donut: Uma alternativa ao crescimento a qualquer custo**. Zahar, 2019. eBook Kindle.

SANTOS, Adriana. **Der Process. Anotações ao texto**. Disponível em <https://derprocess.org/anota%C3%A7%C3%B5es-ao-texto> . Acesso em: 04 dez.2024